

DF - lixo

Aterro será desativado

O Lixão da Estrutural (ou Aterro do Jôquei Clube de Brasília, como se chama oficialmente) é polêmico. Sempre incomodou ambientalistas pela ausência de um tratamento adequado aos dejetos acumulados, mas resistiu ao tempo. Criado em 1964, numa área de 145 hectares, o aterro tornou-se parte da vida de muita gente. Próximo a ele, foram construídas 1.500 casas.

Com a licitação aberta pelo Serviço de Limpeza Urbana (-SLU), para contratação de uma empresa que vai cuidar do lixo em todo Distrito Federal até o final de março, pretende-se desativá-lo gradativamente. Uma área em Ceilândia já está sendo cogitada como o novo endereço do despejo.

Segundo estudos realizados pelo engenheiro florestal Flávio Simas, mestre em Processamento de Dados em Geologia e Análise Ambiental do Instituto de Geociências da Universidade de Brasília, é necessário avaliar a escolha de outra área com essa destinação. "Caso contrário, corre-se o risco de acontecer o mesmo que aconteceu com o Lixão", adverte.

NASCENTES

De um total de 14 leis e resoluções da Legislação Ambiental vigente, o Aterro do Jôquei contraria pelo menos oito normas. A proximidade de áreas com recursos hídricos e de setores residenciais e a localização em sobre áreas com falhas geológicas, são alguns dos problemas do aterro.

"Por isso é fundamental que o governo considere aspectos como distância de núcleos habitacionais, unidades de conservação, topografia e até constituição e permeabilidade do solo e nível do lençol freático", completa Simas. Um dos aspectos mais polêmicos com relação ao Lixão é justamente esse: o comprometimento das nascentes do Parque Nacional de Brasília, importante área de preservação localizada a cerca de 500 metros do despejo de lixo, e onde existem dezenas de nascentes de córregos e riachos.

O Lixão ainda está bem próximo ao Córrego do Valo, afluente do Córrego Vicente Pires, que abastece uma região de pequenas chácaras localizadas entre a via Estrutural e a Estrada Parque Taguatinga (-EPTG).

aqui". Como os outros catadores, Cassiano nem pensa em ir para as usinas de reciclagem. "É muita gente para mandar".

Hoje, catador gosta de conversa. Antes, não era assim, porque se sentia ameaçado, excluído. Agora, fala muito e não deixa de mostrar com orgulho o que acha no lixo. Todos têm um relógio encontrado no meio da sujeira. Um achou uma calça com o bolso cheio de dinheiro. Mais de R\$ 250,00. E só descobriu na hora que lavou. Outro achou dólares. Sem noção de valor, chegou a usar uma nota de US\$ 100,00 para pagar uma litro de cachaça.

Mas, catador só conversa até a chegada do próximo carregamento de lixo. Todos os dias, às 17h, chega o caminhão mais esperado. O do supermercado. Aí, é cada um por si, afinal é a expectativa de uma melhora no cardápio, a oportunidade de comer coisas que não conhecem. Apesar da disputa, não há briga. Eles se entendem. Em silêncio (só de vez em quando se ouve um grito de comemoração por um achado valioso), eles recolhem tudo.

O caminhão da tarde de quinta-feira chegou farto: frangos, pacotes de salsicha, latas de refrigerante, pães e enlatados. De quebra, tapetes de borracha e um ventilador de carro, três persianas novinhas e alguns CDs de música sertaneja. Lucro certo.

A PESO DE OURO

No comércio entre os catadores do Lixão, um quilo de papelão custa

R\$ 0,06

Um quilo com folhas de caderno, também chamado de revista branca, é vendido

R\$ 0,15

A mercadoria mais procurada são as latinhas de alumínio, vendidas a

R\$ 1,00

o quilo

Os anos se passaram, e a família ainda batalha junta. Além de Andréia e Ronaldo, os irmãos Patrícia, 24, e Reginaldo, 23, não fazem corpo mole na hora de enfrentar as 12 horas de trabalho. Lá convivem com os outros, têm as suas próprias leis e, se for preciso, unem-se na defesa de quem estiver precisando. "Mas, de vez em quando, um se desentende", comenta José Luiz Fagundes, há seis anos no Lixão.

DÓLARES NO LIXO

O Lixão, entretanto, também tem gente solitária. Mineiro de Caratinga, José Cassiano, 64 anos, sempre trabalhou sozinho. Está no Lixão há "vinte e poucos anos". O caminho de cada um dos seis filhos foi diferente do seu. Nenhuma das duas companheiras dividiu com ele a jornada. Sem ajuda, consegue faturar até R\$ 300,00. Expressão serena, garante com voz firme: "Gosto de trabalhar

com atravessadores, vão buscar a mercadoria na fonte.

"Trabalhamos bem aqui. Duvido que alguém aceite ser fichado", diz o paraibano Francisco Neto, 31 anos, um dos líderes do grupo. Há 18 anos sobrevivendo do lixo, já teve um Fusca, um Opala e há três meses comprou um Passat 81. "Se não fossem as mulheres, eu teria muito mais coisa", brinca. É Francisco o responsável pela idéia de fundar uma cooperativa e para isso até a próxima semana reúne o primeiro grupo de dez catadores do Lixão, interessados em se organizar para defender os interesses da categoria.

Os catadores do Lixão organizam o trabalho em família. O pai e a mãe chegam, os filhos nascem, crescem na "catação", depois se casam e têm outros filhos, que continuam no mesmo trabalho. Passam-se as gerações e as histórias se repetem. Talvez, só o lixo tenha mudado. "Hoje está melhor", conta uma catadora. Lixo hoje é dinheiro na mão.

O que há alguns anos era muito mais resto de comida, hoje é rico em material reciclável, muito valorizado no mercado de reciclagem. A quantidade também aumentou. A população da capital cresceu. Das 1.800 toneladas de lixo coletado por dia no DF, só um terço vai para o Lixão. O restante fica nas usinas, que por sua vez descarrega no Lixão apenas o que não serve mais. Mesmo assim, os catadores ainda aproveitam 5% desse resto, teoricamente, imprestável.

Foi para entrar nessa disputa que, há nove anos, o casal Mateus e Matertina de Lima resolveu ficar na Estrutural. Eles montaram o barraco para os quatro filhos e foram trabalhar. Ronaldo, hoje com 21 anos, começou com 7 no Lixão. Andréia, que tem 27, desde os 5 anos ajuda os pais catadores. Antes de mudarem para Brasília, tornaram-se experientes no lixo de Anápolis (GO).

precisam de 64 delas. E não importa de quê: cerveja ou refrigerante valem igual. O alumínio é que interessa.

Apesar de não fazerem parte do grupo de catadores filiados a uma das duas associações que trabalham nas usinas do P Sul e da Avenida das Nações, são os homens e mulheres do Lixão os responsáveis pela descoberta de novos produtos para o mercado da reciclagem. Até baterias de celular, que devem ser entregues em lojas especializadas em telefonia, porque são um material altamente tóxico, ganham valor na mão dos catadores.

Para ambulantes de Ceilândia, elas são vendidas por até R\$ 5,00.

Um catador, já apelidado de "HP", centraliza as vendas de cartuchos de impressora vazios. Quem achar e vender para ele recebe R\$ 3,50 pela unidade. Mas, se deixar para vender fora do Lixão, pode encontrar quem pague até R\$ 5,00. O preço também varia se a tampa do cartucho for verde ou azul. Mesmo sem saber explicar ao certo a diferença, garantem que um vale mais do que o outro.

EM FAMÍLIA

O trabalho dos catadores no Lixão é reconhecido pelas empresas de reciclagem. As firmas com maior atuação no mercado deixam no próprio aterro o contêiner para arrecadação de material. Para não correr o risco de perder

Ronaldo de Oliveira



Cerca de 450 catadores disputam produtos despejados por caminhões no Lixão da Estrutural: trabalho em família e por vezes algumas surpresas, como nota de cem dólares

Capitalismo no saco de lixo

Catadores do Lixão fazem comércio com produtos recolhidos. Latinhas de alumínio são artigos mais procurados

"Deus olha pelos lixeiros"
Francisco Neto
paraibano, 31 anos. Há 18 no Lixão da Estrutural

Kátia Marsicano
Da equipe do Correio

Eles ganham a vida com as coisas que ninguém mais quer. Num lugar muito mais próximo do que se imagina, cerca de 450 pessoas esperam pelo caminhão do Serviço de Limpeza Urbana. São os catadores do Lixão da Estrutural, que enfrentam 12 horas de trabalho por dia — muitas vezes sem comer. De segunda a sábado. Chovia ou faça sol.

No esquema da reciclagem, um mercado milionário cada vez mais concorrido, os catadores do Lixão têm 600 toneladas diárias de chance de garantir o sustento. Os montes de lixo chegam em 45 carretas e quase 80 caçambas, que despejam não só rejeitos das usinas (material que não pode ser reaproveitado) como o que os catadores chamam de "lixo bom". O lixo bom, para eles, não passou pela seleção das usinas, e vem com latinhas, plásticos e muito papelão, que pode ser vendido.

Na cotação de cada dia, os preços variam. Se está chovendo, o quilo do papelão que vale R\$ 0,06 cai para R\$ 0,04. Revista branca (como eles chamam o caderno) custa R\$ 0,15 o quilo. Mas, a menina dos olhos da maioria ainda é a latinha de alumínio. Para juntar um quilo, vendido a R\$ 1,00, eles

